

# CORPOREIDADE E BÍBLIA

José Comblin

“Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, receber por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer...” Não é preciso continuar a citação porque todos se lembram muito bem deste texto, que foi o mais comentado na América latina desde o Concílio Vaticano II.

Este é o texto mais condensado da Bíblia e expressa tudo o que Deus quis dizer aos homens. A mensagem de salvação refere-se a coisas materiais como comer, beber, vestir, estar doente, estar preso. São coisas do corpo. A salvação consiste em gestos corporais dirigidos a corpos humanos, os corpos dos irmãos e irmãs.

Nisto a mensagem da Bíblia é bem diferente dos sistemas religiosos, inclusive dos sistemas religiosos criados durante toda a história cristã. Pois as religiões são sistemas simbólicos e nelas o corpo é usado em formas simbólicas.

Em qualquer atividade humana o corpo é indispensável. Até nos estados místicos mais elevados, o cérebro é necessário. Mesmo nos estados mais livres da matéria, o corpo é o suporte necessário. Sem sistema nervoso, nenhuma mística seria possível nesta terra.

Porém, na religião o corpo é usado de maneira específica. O corpo está integrado no sistema de símbolos. O próprio corpo em si já pode ser transformado num ente simbólico por meio de cerimônias de consagração, como sucede no catolicismo no caso do clero ou das profissões religiosas. Nesses casos os corpos já constituem símbolos e falam por si mesmos. Os corpos sagrados devem observar prescrições seja de maneira permanente, seja em momentos determinados pela lei: continência de relações sexuais, alimentos obrigatórios ou proibidos. Os corpos sagrados devem ser tratados com sinais de respeito. O seu caráter sagrado os torna perigosos.

No Antigo Testamento os sacerdotes eram consagrados (Ex 29; Lv 8–10) Os seus corpos estavam submetidos a prescrições severas (Lv 21–22) Também os levitas devem ser consagrados (Nm 8,5-32). Havia normas especiais para sacerdotes e levitas (Nm 18).

Além disso, havia uma série de atos ou situações que criavam impureza e faziam dos corpos dos membros do povo de Deus entes impuros, a serem tratados de ma-

neira específica. Para sair da impureza era necessário seguir uma série de prescrições (Lv 11–16).

Nas religiões há sempre uma distinção básica entre o sagrado e o impuro. O corpo está sempre submetido aos critérios do sagrado ou do impuro.

Jesus veio suprimir todas essas prescrições, suprimir a impureza corporal assim como a sacração sacerdotal. No entanto depois dele a Igreja restabeleceu a consagração dos seus ministros e fundou novos estados de impureza ou restaurou impurezas do Antigo Testamento, como a impureza da mulher depois do nascimento. Os cristãos refizeram uma religião semelhante à religião do Antigo Testamento, ou também, às religiões dos países que evangelizaram.

O valor simbólico dos corpos consagrados fica enriquecido pelas vestes que recebem e devem revestir pelo menos em determinadas circunstâncias (Ex 28; 39). As vestes ressaltam o caráter sagrado do corpo. Inspiram respeito e temor. Significam que as pessoas assim revestidas estão dotadas de um poder especial, poder que pode ser favorável ou perigoso, dependendo da maneira como são tratadas. Essas vestes precisam ser tratadas com respeito porque elas também são sagradas.

A sacralidade dos corpos e a sacralidade das vestes estão ligadas aos sacrifícios. Somente corpos consagrados podem oferecer sacrifícios. Inclusive somente corpos consagrados podem penetrar nos lugares sagrados em que se celebram os sacrifícios. Os corpos transformados em símbolos são qualificados para realizar os atos simbólicos.

Os atos simbólicos constituem os rituais. Todas as religiões têm ritos bem definidos por um sistema de normas que constituem rituais. O Antigo Testamento apresenta coleções de rituais para os sacrifícios, para as bênçãos ou as maldições.

Os rituais definem todos os gestos que os corpos sagrados devem executar para cumprirem as suas tarefas sagradas. O ritual é um jogo de palavras combinado com um jogo de gestos das mãos, dos pés, dos olhos, da boca, e um jogo de movimentos diversos, caminhar, deitar-se, levantar-se, ajoelhar-se, sentar-se, levantar os braços ou os pés ou a cabeça, emitir sinais para Deus ou para o povo. Todas as expressões corporais intervêm nas cerimônias religiosas, que se parecem com balés. Em todas as cerimônias há um mestre de balé que no culto católico se chama cerimoniário. O corpo gesticula como num balé bem articulado. O balé litúrgico poder ser acompanhado de música como aparece nos salmos.

Jesus não inventou um novo balé, embora tivesse rejeitado o antigo. Anunciou a destruição do templo de Jerusalém e com essa destruição todo o balé litúrgico desapareceu, assim como desapareceu o sacerdócio judaico. No entanto desde o século II os cristãos criaram um novo sistema religioso, com elementos tirados ou do Antigo Testamento ou das religiões dos povos da região. Pouco a pouco a nova religião adquiriu mais importância do que a própria mensagem de Jesus. Começaram a tratar a Bíblia

como um objeto sagrado que deve ser incensado e venerado e não como uma mensagem para a vida de todos os dias.

Jesus não contempla o corpo como formador de símbolos e de atos simbólicos. Para Jesus o corpo é que passa fome e sede, frio e calor, que fica doente, que anda livremente ou está preso. E o corpo é também o que dá de comer, dá de beber, ou dá roupa, cuida dos doentes e visita os presos. Todas estas atividades se realizam por movimentos do corpo. O corpo é o que permite ao homem agir.

Muitos autores falaram de espiritualização do culto, ou seja do templo, do sacrifício e do sacerdote. Seria melhor falar de uma materialização ou corporificação.

Jesus não quer o culto simbólico do templo, dos sacerdotes e dos sacrifícios. O culto verdadeiro é a misericórdia, ou seja, a compaixão e o serviço aos pobres, aos doentes, aos necessitados. Esse é o culto que Deus quer. Um culto que não é feito de símbolos, mas de atos reais, materiais e corporais a serviço dos corpos que estão sofrendo.

Paulo enuncia isto em forma condensada: “Exorto vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos” (Rm 12,1-2).

O culto espiritual é o culto movido pelo Espírito isto é, o amor ao próximo, o amor de serviço efetivo. Não é um culto imaterial, não é um culto mental, mas o culto pelo qual se pratica a misericórdia de Deus. Trata-se de um culto que muda radicalmente o comportamento habitual do mundo.

Oferecer o corpo não é um ato mental, interior que seria dizer: “ofereço”. Com isso não se oferece nada e Deus não recebe nada. Oferecer o corpo é colocar o corpo a serviço da misericórdia de Deus. É oferecer o corpo para realizar atos corporais: dar comida, bebida, roupa, remédio, etc. O sacrifício é servir aos pobres. Este é o sacrifício vivo e não simbólico, real e não imaginário.

“Que vosso amor seja sem hipocrisia, detestando o mal e apegados ao bem, com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros, cada um considerando o outro como mais digno de estima. Sede diligentes, sem preguiça, fervorosos no Espírito, servindo ao Senhor” (Rm 12,10-11). O serviço, isto é o culto ao Senhor, consiste na prática desse amor fraterno.

Os três elementos do culto foram transferidos do mundo dos símbolos para o mundo da realidade. “Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual, dedikai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo... Vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo da sua particular propriedade” (1Pd 2,4-9).

Ali está o templo que é feito dos próprios seres humanos que são as pedras. Ai está o sacrifício que são as obras realizadas no meio do mundo, obras de misericórdia, serviço e amor. Ai está o sacerdócio que é o povo inteiro que realiza essas obras. O sacerdócio é santo porque segue os passos de Jesus, a vida de Jesus, e faz as obras e Jesus até a morte (1Pd 2,21-25). Esse é o templo espiritual, o sacrifício espiritual e o sacerdócio espiritual porque neles é que o Espírito age no mundo.

Os símbolos são substituídos por realidades corporais: em lugar do templo simbólico estão os corpos dos seguidores de Jesus que são o verdadeiro templo. No lugar dos sacrifícios que são atos simbólicos, está a vida dos cristãos no mundo. No lugar dos sacerdotes estão todos os membros do povo que agem no amor mútuo. Tudo é corporal e o corpo é considerado nas suas atividades materiais e não como portador de um mundo imaginário.

O corpo contemplado na Bíblia na última etapa da história narrada por ela, é o corpo de Jesus, o corpo que se revelou durante alguns anos na sua vida missionária e finalmente na sua morte pela rejeição dos homens.

O corpo de Jesus não tem a sua finalidade em si mesmo, não é a sua própria finalidade, como sucede na nossa época em que o valor supremo é o conforto e o bem-estar. O corpo de Jesus é o que lhe permite agir no meio dos corpos humanos. É o que lhe permite ajudar, dar de comer, comunicar, restituir a saúde, visitar pessoas, ir ao encontro de outras, dar atendimento, escutar e falar. O corpo de Jesus é o instrumento do amor. O corpo de Jesus também sofre e morre. Pelo seu modo de viver, Jesus revela o significado do corpo. Seguir Jesus é fazer os gestos que faria se estivesse no nosso lugar. Nós agimos com o nosso corpo, exatamente como ele.

A centralidade do corpo manifesta-se no anúncio da ressurreição dos corpos. A mensagem de Jesus não se contenta com afirmar a sobrevivência do ser humano depois da morte. As religiões falam de uma imortalidade de um princípio não corporal próprio do ser humano. Mas a Bíblia afirma com toda claridade a ressurreição dos corpos. Pois o ser humano é corpo e um prolongamento da vida de um simples princípio imaterial não é vida verdadeira. A vida verdadeira é vida corporal.

Paulo explica que o corpo ressuscitado é um corpo transfigurado. Claro está que se fosse igual ao nosso atual, seria mortal. O nosso corpo caminha para a morte desde o início da sua existência. A morte não é um acidente, pois ela está inscrita em todo o modo de agir das moléculas que o compõem. O corpo ressuscitado não é mortal e, por conseguinte, todo o seu movimento é diferente, a sua constituição é diferente. No entanto, ainda é corpo, ou seja, conserva em forma melhorada todas as possibilidades de ação que nos permitem amar e servir o próximo.

A prova da ressurreição da humanidade está na ressurreição do próprio Jesus. O anúncio da ressurreição é o núcleo central do cristianismo. É o centro do Novo Testa-

mento. Se Jesus não ressuscitou, cairia tudo, e tudo seria ilusão. Jesus seria um sábio a mais no meio de milhões de sábios que houve na história.

Os discípulos tiveram a evidência da visita de Jesus corporalmente ressuscitado. Insistem nos seus depoimentos sobre o caráter corporal, material desse Jesus que aparece depois da sua morte. Durante muito tempo os discípulos de Jesus não tiveram outra liturgia, outra celebração além da memória da ressurreição de Jesus no dia do Senhor, isto é, o dia da sua ressurreição.

A importância do corpo no evangelho manifesta-se também pela presença tão forte dos doentes. A doença é o que torna mais sensível a existência do corpo. Na saúde, ninguém sente o seu corpo como corpo, porque a atenção se concentra em todos os objetos que o corpo atinge. No parto para as mulheres e na doença para todos, o corpo torna-se presente como corpo, chamando a atenção para si mesmo. Nesses momentos só se pode pensar no corpo. A doença tende a cortar do mundo porque exige toda a atenção. Jesus sabe que a salvação tem por primeiro objeto a doença. O que todos buscam é a salvação da doença. Como ter credibilidade se não se cuida da doença dos outros?

A saúde é o começo da ressurreição. As narrações evangélicas apresentam-na dessa maneira. Os evangelhos relatam casos de ressurreição como caso de Lázaro ou do filho da viúva de Naim ou da filha de Jairo. Qualquer que seja a interpretação dada a esses acontecimentos, o laço com a ressurreição é patente. Jesus faz sinais que anunciam a ressurreição.

O Antigo Testamento narra a história de um sistema religioso e do combate dos profetas contra esse sistema. Durante séculos a interpretação que predominou foi aquela que defendia o sistema religioso: templo-sacerdócio-sacrifício. Sucedeu que durante a cristandade se formou um sistema religioso completo e os textos do Antigo Testamento serviram para legitimar esse sistema religioso. A voz dos profetas não teve tanta repercussão porque iria contestar o novo sistema religioso implantado no mundo cristão.

Foram construídos inúmeros templos e esses templos foram justificados pelo templo de Jerusalém. A eles se aplicou toda a teologia do templo de Jerusalém. Formou-se uma liturgia de consagração dos templos que usa todos os temas dos textos bíblicos sobre o templo de Jerusalém. As condenações dos profetas foram esquecidas assim como a condenação do templo de Jerusalém por Jesus. Entenderam que Jesus denunciava alguns abusos e também que os profetas denunciavam certos abusos mas não condenavam o próprio templo. Acharam que Jesus aceitaria novos templos com a condição de evitar os excessos e desvios de Jerusalém. No entanto, nada nos permite atenuar desta maneira a voz dos profetas. As palavras de Jesus à Samaritana expressão claramente a sua intenção. A doutrina de Paulo coloca o templo dentro dos próprios cristãos: eles são o templo e porque precisariam de templo? Precisamos ler o Antigo Testamento à luz do Novo. Ora, o Novo Testamento segue a linha dos profetas e rejeita o sistema religioso.



Nasceu um clero, já desde o século II, e foi assumindo a direção de todo o povo cristão, ao contrário daquilo que se acha no Novo Testamento. Mas o novo clero achou no Antigo Testamento a sua legitimação. Aplicou-se tudo o que se diz dos sacerdotes do templo de Jerusalém como se isso fosse positivo. Aplicar-se o que se atribui aos sacerdotes de Jerusalém devia ser um pecado. Fizeram o contrário. Tomaram todos os capítulos do sacerdócio do Antigo Testamento como se fosse a legitimação e o anúncio do seu próprio sacerdócio, quando na realidade Deus pela voz dos profetas condenou tudo isso ou, pelo menos, anunciou uma rejeição completa.

Nasceu o sacrifício porque fizeram da eucaristia um sacrifício, uma oblação feita a Deus para substituir as oblações do antigo Testamento. A eucaristia deixou de ser o memorial de Jesus para ser um sacrifício oferecido a Deus. Esse sacrifício serviu para todas as circunstâncias: para festejar os santos, para rezar pelos defuntos e pelas almas do purgatório, para celebrar os aniversários, as festas de formatura e mil situações diferentes como se a eucaristia se prestasse a tudo: é como uma oração mais forte porque é uma oferta. Mudou o sentido da eucaristia dentro da cristandade. Foi transformada num ato de devoção. As pessoas mais devotas assistem inclusive a várias missas por dia, sobretudo hoje em dia que a TV transmite muitas missas.

A função dos novos sacerdotes será oferecer este novo sacrifício. Em nome desse privilégio os sacerdotes constituíram uma casta dotada de muitos privilégios na sociedade civil. Essa casta monopolizou todos os carismas, concentrou todo o poder e se reservou com exclusividade o Espírito Santo para dirigir inteiramente a Igreja. Todos os carismas enumerados por Paulo desapareceram e o clero tornou-se tudo na Igreja. Tudo isso em nome de categorias do Antigo Testamento. Pois nada dizia que para celebrar a eucaristia seria necessário ter um “sacerdote”. A ceia de Jesus era algo muito simples, que não exigia a presença de uma pessoa separada do povo, acima do povo, que em nome do privilégio que se atribui indevidamente, se reserva a celebração da eucaristia. A formação de um novo sacerdócio foi uma usurpação.

O Antigo Testamento é a história do combate entre o sistema religioso e a palavra de Deus. Mas o livro junta todos os textos: aqueles que defendem a tese dos profetas e aqueles que defendem a tese dos sacerdotes. Durante a cristandade consideraram que tudo era igualmente palavra de Deus, vontade de Deus. Até hoje a liturgia oficial da Igreja romana, imposta a todas as Igrejas católicas, proclama que todo o Antigo Testamento é palavra de Deus e deve ser aclamado como tal em todas as suas partes. Desta maneira, o Antigo Testamento é colocado no mesmo plano do Novo Testamento e desaparece o critério de discernimento. No entanto Jesus faz esse discernimento: faz a distinção entre o que disse Moisés e que diz ele. Paulo e João tomam como referência não Moisés com a sua Lei e sim Abraão com as promessas.

Para a Lei de Moisés o corpo está presente no sistema religioso, como parte do conjunto simbólico. Os profetas protestam porque, para eles, o que vale é o corpo real, material e de modo particular o corpo dos pobres e dos oprimidos.

“De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios? – diz o Senhor. Os holocaustos de carneiros, a gordura dos bezerros, estou farto deles, etc... Tirai do alcance do meu olhar as vossas más ações, cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem, procurai a justiça, chamai à razão o espoliador, fazei justiça ao órfão, tomai a defesa da viúva” (Is 1,11-17).

“Detesto, desprezo vossas peregrinações, não posso suportar vossas assembleias, quando me fazeis subir holocaustos; e em vossas oferendas nada há que me agrade... Que o direito jorre como água e a justiça seja uma torrente inestancável” (Am 5,21-24).

“Não gostarias que eu oferecesse um sacrifício, não aceitarias holocausto. O sacrifício que Deus quer é um espírito contrito” (Sl 51,18-19).

Esses textos dos profetas anunciam o julgamento de Jesus.

No entanto, o ser humano é um ser simbólico. Cria símbolos sem cessar para se identificar e se entender. Cria símbolos para poder comunicar com outros e chegar a acordos para manter unidade, paz e colaboração entre todos. Cada grupo humano se dá uma cultura e uma cultura é um sistema de símbolos. Entre todos os símbolos os religiosos são os mais fortes e os mais necessários para o equilíbrio psicológico e a paz social.

A parte básica da cultura como da religião é a língua. Com a língua as pessoas unem-se com os outros, com o universo e com Deus. Pela língua as pessoas organizam entre elas uma sociedade de colaboração.

Infelizmente a língua pode servir também para enganar. A cultura também pode ser a legitimação da dominação de uns sobre outros, da exploração do trabalho e de todas as formas de discriminação, das mulheres, das raças diferentes, dos pobres, dos deficientes.

Por isso Jesus faz uma denúncia geral e uma condenação global de toda cultura e de toda religião que é parte básica da cultura. Mas não pode suprimir esse mundo simbólico sem destruir a humanidade tal com é, com as suas possibilidades e os seus vícios. Os seres humanos são assim : precisam de símbolos, ainda que os símbolos sejam tantas vezes a negação da realidade. Entrando no mundo humano, Jesus se expõe aos riscos de uma transformação em símbolos.

Por isso, muito mais êxito do que o seguimento de Jesus teve o culto de Jesus. Uma vez transformado em objeto de culto, Jesus perde a corporeidade: ele se torna a imagem do Sagrado Coração de Jesus que não expressa nenhum ser humano, mas um ser simbólico. Essa substituição da realidade corporal por símbolos é inevitável. Além disso ela foi usada como o grande meio de evangelização. Os povos não se converteram a Jesus, mas a um sistema simbólico em que o símbolo Jesus ocupa um lugar importante. Fizeram de Jesus o fundador de uma religião, exatamente o contrário daquilo

que Jesus queria. Esta traição continuará até o fim do mundo porque a humanidade não pode viver sem símbolos, de modo particular, sem símbolos religiosos.

Por isso o Antigo Testamento sempre teve mais adeptos do que o Novo. Ali há uma abundância de símbolos. Não somente isso: o Antigo Testamento oferece um sistema religioso completo sobretudo o sistema templo-sacerdócio-sacrifício, que é o mais apreciado e poucas vezes se encontra completo na história das religiões.

A religião do Antigo Testamento aceita a guerra, a dominação, a discriminação, estruturas sociais injustas. Não tolera o questionamento do sistema. O maior pecado é o abandono da religião. Somente os profetas protestam, mas no decorrer da história, os profetas não foram ouvidos na hora das grandes opções pessoais ou sociais.

No Novo Testamento, santo é o corpo no seu agir habitual e não é mais o corpo transfigurado pelo mito e pelo rito. Mas esta mensagem é dura. Os seres humanos preferem viver num mundo simbólico e têm medo de aceitar a realidade, mostrada por Jesus.

*José Comblin*  
comblin@terra.com.br